

Editorial

DIA MUNDIAL DO LIVRO

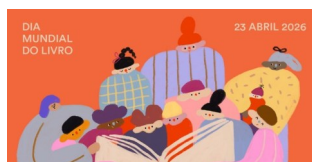


O Dia Mundial do Livro é comemorado, desde 1995 e por decisão da UNESCO, a 23 de abril.

No ano em que se assinalam os 50 anos da Constituição da República Portuguesa, a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas associa-se à comemoração desta data através do cartaz oficial do Dia Mundial do Livro 2026.

“Democracia e Cidadania” é o mote que inspirou não só o cartaz, como também o conjunto de iniciativas promovidas pela DGLAB ao longo do mês de abril.

A ilustração é da autoria de Carolina Celas, distinguida com menção honrosa no Prémio Nacional de Ilustração 2025. Desta forma a ADEPAC associa-se a esta iniciativa, promovendo a leitura como um ato de liberdade, cidadania e democracia, colocando em breve a



sua biblioteca ao dispor de toda a Comunidade de São Miguel de Acha. A leitura é naturalmente uma aprendizagem para todos. Quanto mais se lê melhor se escreve e interpretam todos os textos que estão à nossa disposição. Ler é um ato de cidadania e um grande contributo para a cultura popular.

LER; LER; LER é uma forma inteligente de integração social.

NOTÍCIAS DA ADEPAC

APRESENTAÇÃO DO CONTO "ALBERTO TRAQUINA E O SEU CÃO PACHOLA"

No próximo dia 13 de junho de 2026, pelas 18h00, integrado nas celebrações da festa de Santo António, será contado pelo contador de histórias Fábio Superbi, na sede da ADEPAC,

no Largo de Santo António, o conto *Alberto Traquina e o seu Cão Pachola*, destinado às crianças e ao público em geral.



Este conto foi retirado da obra *S. Miguel de Acha: Tradições,*

Memórias e Costumes – Ciclos de um Povo, atualmente em fase de edição, da autoria de Manuel Ruivo, tendo como investigadora principal Sofia Gonçalves. A obra reúne ainda testemunhos de Amélia Ruivo, Gabriel Dias, Maria Conceição Coelho e Maria Fátima Torrado Milheiro. O livro tem como principal objetivo preservar e valorizar os costumes e modos de vida das décadas de 1930 e 1940, contribuindo para um melhor conhecimento das nossas raízes. Conhecer de onde vimos e compreender o percurso coletivo da nossa comunidade constitui também uma forma de construir o futuro.

Salvaguardar as memórias, tradições e costumes de um povo marcado pela dureza da vida e pelas limitações históricas no acesso à cultura — realidade ainda presente em muitos territórios do interior — é preservar a identidade coletiva e reconhecer o contributo dessas comunidades para uma sociedade mais inclusiva, solidária e coesa.

A obra será lançada no próximo dia 27 de junho pelas 17h30 no Salão da Junta de Freguesia, e conta com o apoio da CCDR-CENTRO, de “GENTE RAIANA”, do CMCD de Idanha-a-Nova, do INATEL e da ADEPAC.

ARRAIAL DE SANTO ANTÓNIO

A ADEPAC, à semelhança dos anos anteriores, promove no próximo dia 13 de junho, no Largo de Stº António, em São Miguel de Acha, o arraial de Stº António.

O arraial terá início por volta das 17h00, no Salão da ADEPAC, com a apresentação do conto “Alberto Traquina e o seu cão Pachola”, por Fáb

bio Superbi.

Logo de seguida começa o arraial propriamente dito, onde podem ser



apreciadas as tradicionais sardinhas assadas, fêveras, morcelas, chouriço, entremeada e outros petiscos habituais nestas festas, havendo igualmente muitas bebidas frescas.

É uma excelente ocasião para o convívio entre a população de São Miguel. Apareçam com boa disposição.

GRUPO DE CANTARES

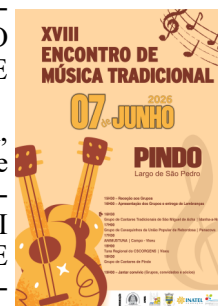
O Grupo de Cantares Tradicionais continua com a sua atividade.

No passado dia 2, participou na “Festa do Castelo – Divina Santa Cruz”, em Monsanto e, ontem dia 30, no “XVI ENCONTRO DE GRUPOS DE CANTARES DE MÚSICA TRADICIONAL E POPULAR SÃO MIGUEL DE ACHA 30 DE MAIO 2024”. O PROGRAMA DO ENCONTRO:



ONAL E POPULAR DE SÃO MIGUEL DE ACHA”.

Em Agenda tem, para o dia 7 de Junho, a participação no XVIII ENCONTRO DE MÚSICA TRADICIONAL”, em



Pindo (Penalva do Castelo) e ainda, pendente de confirmação, a sua participação na Gala Comemorativa do 25º Aniversário do Grupo de Cantares Tradicionais do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, no dia 20 de junho.

QUADRO DE ALDEIA (IX)

(Jogos e tabuadas)



«Dois» vezes um, dois; «dois» vezes dois, quatro; «dois» vezes três, seis ...

Aproximando-se a época das provas para a passagem de classe, o mestre anunciou que pretendia fazer uma revisão de toda a matéria da aritmética. Por isso, terminada a aula e aventado um esganicho “até amanhã senhor professor!”, saímos



da escola, em debandada, mas apreensivos, e continuámos, estrada fora, a caminho do Largo da Estalagem, entoando as tabuadas — conteúdo que convinha recordar e saber “de cor e salteado”. Seguíamos em fila desorganizada, mochilas às costas, fazendo daquela entoação uma cantiga de festa, com acompanhamento de gargalhadas quando alguém se enganava, obrigando à repetição da cantilena, quase como um desafio à própria memória. Havíamos transformado num barulhento rancho de catraios (a escola do Bairro Novo era só para rapazes) cujas vozes ressoavam e ecoavam pelos ermos, até ao alvanel, para o lado sul, e até ao portão do Rouxinol, para o lado norte: «três vezes um, três vezes dois»!...

E já ficara para trás o enorme e majestoso eucalipto cujo vulto se erguia altaneiro do lado de lá da estrada, em frente do portão da cerca da escola e do caminho do chalé, quando o professor, ao volante do seu “ora bolas”, passou por nós e avisou que não estávamos a cumprir as regras para andar a pé nas estradas, já que, em vez de seguirmos pela berma esquerda da via, caminhávamos pelo lado direito, rente ao muro que então bordejava o Chão do Castanheiro, a seguir ao casario do bairro e ao acesso que abre para a Malhada. Com efeito, nem sequer nos servira de emenda o que no ano anterior sucedera ao Manel: numa brincadeira mais distraída e menos cuidadosa, junto à casa do Cláudio, afastara-se da berma e fora colhido por um automóvel

que passava. Felizmente, sem consequências de maior.

O Verão ia quente e abafado. O calor da tarde derreteria o alcatrão da estrada, sobretudo nos muitos locais em que, para tapar os buracos abertos pela chuva e pelo tráfego do Inverno, o tapete de asfalto fora remendado, como de costume, com uma mistura mais branda do que a original e que, por isso, derretia facilmente. Daí, temos alguns aproveitados para recolher diminutas porções da viscosa substância betuminosa, destinadas à confecção de uns quantos berlindes de cor escura: rodar o salto da bota enquanto se calcava aquela mancha do piso derretido, permitia-nos arrancar pedaços de alcatrão que em seguida eram moldados e transformados em esferas. E estas, depois de envolvidas em papel prata facilmente obtido nos muitos maços de tabaco vazios atirados para as valetas, eram, então, guardadas nos bolsos dos calções ou nas pastas da escola, onde acabavam por solidificar.

Um dos especialistas desta técnica de fabrico de berlindes era o João. Costumava trocá-los, posteriormente, por abafadores de vidro — três, por um.

Ao aproximar-me do largo, dei conta de que o Chico, o Zé Manel, o Tonho e o Luís, haviam chegado mais cedo e jogavam à bilharda.

Sentei-me numa das pedras ao lado da fonte e observei o desenrolar da competição.

Para jogarem, os participantes utilizam um pequeno pau (a que se dá o nome de bilharda — uma pequena haste de madeira ou apenas um pequeno ramo de árvore, aguçados nas pontas) e um outro pau mais comprido (o bastão, com cerca de três ou quatro palmos). Com este bastão, golpeiam uma das pontas aguçadas da bilharda (para a fazer saltar no ar) e tentam, com uma outra pancada rápida, atirá-la para o mais longe possível. Não obstante, ocasionalmente, em vez de procederem inicialmente a este tipo de arremesso, os intervenientes optam por apoiar a bilharda em duas pedras — os mochos — colocadas no interior de um círculo, alinhadas e afastadas uma da outra, aplicando-lhe, então, um leve toque por debaixo, fazendo-a saltar e tentando bater-lhe com o bastão de modo a atirá-la a grande distância.

Quando me sentei, reparei que no terreiro estavam já marcados um círculo e, um pouco mais à frente, uma linha recta, para, respectivamente, servirem de roda e de raia.

E emparceirando com o Chico, foi nessa zona do terreno que o Luís, a quem coube

iniciar o jogo, se posicionou.

— Olha a distância! — gritava o Chico, enquanto o pau voava. — Aponta bem, para que eles não a apanhem! — repetia.

— Vais ver que nem a cheiram! “Indabem-não”, estão no papo! — retorquiu o Luís.

E, atirando a bilharda ao ar, fracassou nas duas primeiras tentativas para a atingir com o bastão, enquanto ela rodopiava no ar. Consegui à terceira, desferindo uma pancada certa que projectou a bilharda na direcção dos adversários. O Zé Manel, no outro lado do terreiro, bem se esticou para a rechazar e devolver sem que caísse no chão. Mas não logrou tal propósito. Por isso, usando como unidade de medida o comprimento do próprio bastão, lá discutiram e determinaram a distância a que a bilharda ficara da roda, prosseguindo, de imediato e como era regra, com a execução das pancadas, agora com o Chico a ajeitar no chão a pequena haste e a tentar golpeá-la em qualquer das pontas aguçadas, para a fazer saltar. Numa das vezes, acertando em cheio, assestou-lhe vigorosa e sonora paulada e desviou-a para um canto bastante afastado. Com a consequente vantagem pontual assim conquistada.

Por fim, verificadas novamente as medidas e contados os pontos, o Chico e o Luís ganharam o jogo e o prémio da cavalgada que, nesse caso, sempre se seguia, constituindo, aliás, o troféu devido aos vencedores.

Entretanto, as sombras alongaram-se no chão, as réstias de sol foram desaparecendo e as Trindades soaram na torre da matriz. Recolhidas as pastas e as bolsas da escola, retomámos a marcha em direcção ao centro do povoado. Não sem que os vencedores do jogo, para suavizarem a derrota e a desfeita dos vencidos, tivessem acedido a que, durante o percurso, se fosse saltando ao eixo, acompanhando com a cantilena da tabuada, que agora retomáramos, cantarolando: oito vezes um, oito; oito vezes dois, dezasseis; oito vezes três, vinte e quatro ...

Rumei à Travessa, desviando-me de um rafeiro que latia e enxotando alguma criação que cacarejava e livremente se passeava na rua, catando restos de comida nas juntas das pedras da calçada ou debicando farelo em prosaicos comedouros chegados à soleira das portas e que iam sendo abastecidos ao longo do dia pelos respectivos donos. ...

Transpus o acesso à Quelha do Chapéu Velho, virei para o Largo

...

do Castelo e prossegui pela *Rua do Oleado*. Na cortada para o *canchoso* da *Quelha do Forno* espireitei a grande amoreira branca que ali medrava, mas logo verifiquei que os frutos continuavam por amadurecer. Além de que, por agora, também não precisava de colher mais folhas para sustento das lagartas de bichos-da-seda que diligentemente guardava dentro de uma caixa de cartão, num dos cômodos da casa.

Continuando, dei a salvação ao ancião que assomava ao postigo da porta do casinhoto modesto em que sobrevivia, personagem a



quem, há muito, fora atribuída a alcunha de “*Marcha para o moinho*”. E parei depois para dar dois dedos de conversa nas oficinas do *Ti António* e do *Ti Adolfo*. Mais adiante, a pouca distância dos balcões que ali estreitavam a rua, antes do muro esbarrondado que continha e ocultava os escombros da “*casa caída*”, algumas vizinhas acomodavam-se nas pedras de assento colocadas junto à entrada das habitações: descascavam as vagens e as batatas para a ceia, sorvendo a aragem que já se levantara e aproveitando o fresco que essas pedras ainda retinham e resumavam em resultado da regadela a que as haviam submetido no final da tarde.

Também eu me senti num dos degraus do balcão mais próximo. E foi então que, ao levar a mão ao bolso para apanhar o lenço e limpar o suor que me escorria da fronte, dei conta de que se rasgara o papel prata com que anteriormente envolvera os berlindes de alcatrão, moldados à vinda da escola. Ora, tendo-se rompido o invólucro, a negra mistura espalhará-se e embebera o tecido do forro, acabando por secar, solidificar e deixar fortemente coladas as duas faces do bolso, inutilizando-o e impondo a (sua substituição).

Acabei por disfarçar a situação. Todavia, quando posteriormente a minha mãe se apercebeu do sucedido, não escapei a um forte ralhete, nem à promessa de na próxima vez ser agraciado com uma ou duas chineladas.

Joaquim Gonçalves/Agosto/2018
(Nota da redação: *imagens criadas com IA*)

PELA INFÂNCIA!

Carlos Teixeira



Abril é o Mês Internacional da Prevenção dos Maus-tratos na Infância. O tema, recorrente, lembra-nos que educar uma criança é responsabilidade de todos e de todos os dias. Como diz o provérbio, “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Educar uma criança é garantir os seus cuidados básicos, o seu bem-estar físico e emocional, e respeitar os seus direitos: à vida, saúde, educação, igualdade, amor, segurança, brincar, identidade...

A infância também teve o seu 25 de Abril. Esse momento corresponde à criação das Comissões de Protecção de Menores (DL n° 189/91 de 17/5), um sistema de protecção e prevenção dos maus-tratos que permitiu uma defesa mais eficaz dos seus direitos.

A Declaração dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção sobre os direitos da Criança (1989) foram instrumentos fundamentais para esta evolução.

Como foram importantes as intervenções de tantas pessoas de que recordo João dos Santos, inspirador da criação do Instituto de Apoio à Criança (IAC) ou de Bairrão Ruivo com o trabalho realizado no Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógico (COOMP). Ou ainda o papel de Rui Epifânio na criação das Comissões de Protecção e o de Armando Leandro na estruturação e consolidação do sistema de protecção da infância em Portugal, uma rede de protecção envolvendo toda a comunidade.

Numa sociedade ecológica e moralmente equilibrada, as crianças deviam ser integralmente poupadas à guerra, à fome e protegidos os seus direitos. Mas mesmo numa sociedade democrática como a nossa, é constante a situação de perigo a que estão sujeitas. Refiro apenas estes números:

Em 2024, as CPCJ receberam 58 436

comunicações de situações de perigo.

Os maus-tratos físicos aumentaram para 3282, em 2024, representando 5,2% do total. Os maus-tratos psicológicos registaram 1981 casos, representando 3,2% do total. O abuso sexual representou 1329 casos, ou seja, 2,1% do total, com um aumento de 67 casos em relação a 2023. Também a categoria abandono, com 702 casos, representando 1,1% do total. (*Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ, em 2024*).

Haverá muitas razões para que isto aconteça. Para além das condições económicas e sociais é necessário ter em conta as mudanças na forma de socialização e a redução da influência das instituições como a família e a escola.

Na realidade a educação infantil - ser criança - está sujeita aos condicionalismos do tempo e do modo, e da moda, no processo de socialização: (con)viver com as redes sociais e o acesso a conteúdos aditivos da internet, do jogo à pornografia, às agressões (*bullying*) de colegas e *influencers* que põem em risco a vida e a saúde física e mental das crianças.

A escola, a rua e a família, com o perigo *online* sempre presente, tornaram-se lugares menos seguros e devemos ter consciência de que do *iceberg* dos maus-tratos conhecemos apenas a parte visível.

É preciso cuidar destas crianças em primeiro lugar pela prevenção de situações de maus-tratos e depois, pelo acompanhamento terapêutico, tentando minorar as consequências perniciosas para o desenvolvimento da identidade e personalidade.

Recentemente, participei no V Encontro das Comissões Diocesanas de Protecção de Crianças e Pessoas Vulneráveis. No final foi-nos oferecida uma vela e com ela a procura de uma intenção para a sua luz. Na obscuridade do caminho, o significado só pode ser: Pela infância!

(nota: *imagem criada por IA*)



NOTÍCIAS DE SÃO MIGUEL

ATLAS SÃO MIGUEL DE ACHA



Eu Encontro. Ela, Acha. “A grande metamorfose cristã é transformar a mesa num lugar abrangente, num espaço de abertura



onde as identidades se reinventam a partir da universalidade do encontro.”

(J. Tolentino Mendonça, poeta e cardeal) — Onde se lê

“cristã”, leia-se, também, “humana”. E o que é a arte se não essa procura? De Alexandria — via “Santa Catarina” — seguimos para Oriente, até Assur onde o Sol é Nascente, lugar homónimo do deus assírio do Sol e da guerra, junto ao Rio Tigre para mais imagens: Um recipiente para cosmética — leia-se também “cosmos ética”; à escala de uma ética cósmica. Uma tridacna squamosa, 7 séc. a.C., à qual foi dada uma configuração antropomórfica e gravado no seu interior um conjunto de músicos — Um, toca adufe. No Museu do Pérgamo, em Berlim, foi-lhe atribuído um dístico po-ético: “Klangbilder” (= imagem sonora); domingo, sob escuta do grupo de pessoas surdas organizado por Mónica Gomes e na presença de Alice Guerreiro, atriz e bailarina, nesta semana em criação para mudar a escala deste objeto: Tomará a abrangência do seu corpo, numa performance coreográfica a ser apresentada no Verão. Alice é Guerreiro como Assur. E apenas Alice, como a beguina mais jovem de “Na Casa de Julho e Agosto”, de M^a Gabriela Llansol, o livro e casa de férias da sua infância na Beira-Baixa, na Serra da Gardunha (do árabe = acolhimento), horizonte da nossa aldeia. Conosco, sempre presente está a Ninfa, que significa fonte — ou Nascente — das imagens; as “Águas Mentais”, a matéria luminosa, trans-lúcida, do pensamento artístico de A. Warburg, G. Didi-Huberman, G. Agamben, R. Calasso...Do MA-

NUAL e ATLAS. A segunda parte do livro intitula-se, precisamente, “As Nascentes do Tigre e do Eufrates”...E eis a “universalidade do encontro”. Transcorrido o tempo dos grandes rios históricos tornar-nos-emos, porventura, seus afluentes em língua gestual.

Madalena Folgado

GESTOS REMANESCENTES: O FOGO



“Gestos remanescentes: o fogo” é um projecto de artes visuais no campo expandido do desenho com criação de Manu Romeiro. É desenvolvido no ateliê da Heliadora e em relação à natureza e comunidade de São Miguel de Acha.

Esse projecto dá sequência a uma breve pesquisa artística situada, em relação à floresta e comunidade da Serra das Talhadas (Proença-a-Nova/Castelo Branco) que naquele momento tinham sido recentemente atingidos por um incêndio.

A escuta dos habitantes da região assim como a escuta da própria natureza em transformação, leva a artista a produzir obras multilinguagem, que apresentam questões universais através de experiências situadas na região



da Beira Baixa.

O fogo, ora como elemento visível, ora invisível, torna-se o elemento central dessa pesquisa.

O projecto é composto por residências de criação nas dependências do ateliê da Heliadora, em São Miguel

de Acha, assim como por diversas atividades abertas ao público. Exposição, atividades de formação, conversas abertas e aberturas de processo acontecem em São Miguel de Acha, Lisboa e também em regiões do Brasil (Paraná, Rio de Janeiro e Bahia). Em junho já acontecem algumas dessas atividades. Ressalta-se a atividade de formação que ocorrerá na ADEPAC nas manhãs de 27 de junho, 4 e 5 de julho. Será gratuita e para o público em geral.

Nessa formação se desenvolverá a técnica da cianotipia, técnica de impressão que se utiliza a luz do sol como matéria para a criação. Faremos também uma visita a hortas familiares de São Miguel de Acha para conhecer e colher alguns elementos orgânicos que serão também material para o trabalho criativo.

Em breve se iniciam as inscrições. Fiquem atentos!

Manu Romeiro

ÓBITOS

10/05 — FLORINDA DO NASCIMENTO, 94 anos;

15/05 — MARIA JOSÉ LEITÃO, 68 anos

25/05- ANTÓNIO ROLO DOMINGUES (vulgo *Cablais*), 89 anos.

Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências



Diretora: Sofia Gonçalves

Colaboradores nesta edição: Carlos Teixeira; Joaquim Gonçalves; Madalena Folgado; Manu Romeiro; Sofia Gonçalves.

Propriedade:

Associação de Defesa do Património Cultural de São Miguel de Acha-ADEPAC

Largo de St^o. António, s/n
6060-511 São Miguel de Acha
Associada do INATEL com o n.º 562
Contactos: 924 045 130

adepac@sapo.pt

<https://adepac.pt>

Apoios:



(distribuição gratuita aos associados)